

Cid Seixas e Adriano Eysen
(Org.)

ORPHEU EM PESSOA



Simpósio Internacional 100 anos da revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

ORPHEU EM PESSOA

O centenário da revista *Orpheu* permitiu-nos visitar, neste ano de 2015, a história de uma publicação de apenas dois números, formada por jovens rapazes. Não obstante a sua brevidade, *Orpheu*, fez com que a literatura escrita em português, e nomeadamente a poesia portuguesa, não mais voltasse a ser a mesma.

Essa e outras questões, sobre uma geração que teve como centro constelar o poeta Fernando Pessoa, são tratadas neste livro que é uma reunião de alguns trabalhos apresentados ao SIMPÓSIO INTERNACIONAL 100 ANOS DA REVISTA *ORPHEU: FERNANDO PESSOA E AS POÉTICAS DA MODERNIDADE*.

São ao todo dez autores que apresentam diferentes enfoques dos temas abordados.

Fernando Pessoa, centro constelar do grupo Orpheu

Cid Seixas

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA / UEFS

Fernando Pessoa ocupa um papel constelar no grupo Orpheu, não só como responsável pela introdução de Portugal no contexto das poéticas da modernidade, mas, sobretudo, pelo ultrapasse que sua obra representa no plano da literatura ocidental. Para avaliar esse entrelugar, nada mais isento que o testemunho de um dos mais influentes estudiosos da poética e da linguística do século XX, o russo Roman Jakobson. Com a colaboração de Luciana Stegagno Picchio, ele descobriu a obra desse poeta contemporâneo de uma língua, até então, pouco incluída na geografia dos grandes inventos do espírito. E constatou no ensaio “Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa”:

“É imperioso incluir o nome de Fernando Pessoa no rol dos artistas mundiais nascidos no curso dos anos oitenta: Picasso, Joyce, Braque, Strawinski, Kliébniskov, Le Corbusier.”

Imediatamente, com algum assombro, Jakobson acrescentou: “Todos os traços típicos dessa grande equipe encontram-se condensados no grande poeta português.”

Nativo de uma cultura relativamente isolada ou periférica no continente europeu, o poeta ultrapassou os limites impostos pelo horizonte de expectativa do seu país para se inscrever, como afirmou Jakobson, no patamar mais elevado dos artistas de expressão mundial. É como tal que aqui proponho observar a distância entre a cultura teórica do poeta e a teoria ainda não esboçada no contexto literário da época que estrutura a sua obra. Como ocorre com os criadores de gênio, o fazer poético ultrapassa em muito o projeto e o manifesto: o consciente.

Então façamos silêncio dentro de nós para ouvir a síntese do verso:

*Todo começo é involuntário.
Deus é o agente.
O herói a si assiste, vário
E inconsciente.*

*À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
“Que farei eu com esta espada?”*

Ergueste-a, e fez-se.

Ao celebrar, discreto, o feito do Conde D. Henrique – pai de D. Affonso Henriques, o Rei primeiro, que tomando *A bênção como espada, / A espada como bênção!* [Obra Poética, 73] ergueu em pedras afiadas a muralha do império –, Pessoa segue a linha dos demais poemas de *Mensagem* que, ao cantarem os heróis portugueses, can-

tam seu herói ignoto de então: o cavaleiro domador do verbo, na planície branca da folha.

De anônimo escrevente eventual num escritório de comércio, o autor da façanha derradeira do seu povo passa a herói de todos os feitos: os fatos do impossível Quinto Império. A linha, pouco original, ou por outros já riscada, que me leva a ler os poemas de *Mensagem* como metapoemas, é sublinhada pela passagem do ensaio de Jakobson e Luciana Stegagno Picchio dedicado ao texto pessoano: “A história dos três artistas imaginários que fazem de seu criador «o menos que ali houve» corresponde de perto ao poema «Ulysses», que proclama o primado e a vitalidade do mito em relação à realidade.”

Mensagem converte-se, neste nosso ver, de moderna epopéia da gente lusa, à condição de livro iniciático do Quinto Império, a pátria da língua portuguesa, cujo imperador seria não mais Vieira, o velho, mas aquele a quem o jovem Pessoa autodenominou de “supra-Camões”, no polêmico ensaio da revista *Águia* dedicado à nova poesia portuguesa.

A condição de metapoemas atribuída aos textos de *Mensagem* está quase obsessivamente circunscrita à celebração do processo criador do próprio Pessoa. Aí, o homem de muitas sombras é o único herói possível, entre os poetas, expulsos da República de Platão, mas festivamente recebidos no Império das letras e das idéias: o Quinto, como querem os profetas de Portugal. Reis e rainhas, amos e súditos têm seus nomes inscritos nos títulos dos poemas do livro. Mas Camões está ausente, e basta, para não usurpar a coroa de rosas breves do

esperado supra-Camões. Quer venha, quer não; desejado, como D. Sebastião.

A literatura portuguesa nutre-se dos seus mitos, num processo intertextual ocultado ou explícito, onde novas bocas se alimentam do velho pão. Se a literatura brasileira, a partir da geração de Oswald, assume conscientemente a antropofagia literária, enriquecendo-se com o alimento estrangeiro, a tradição literária portuguesa é autofágica. Narciso às avessas, somos nós, brasileiros, incapazes de buscar água na fonte próxima. Neste mirar-se narcísico, os portugueses ensinam maturidade: na esteira das grandes literaturas, mares nunca navegados, buscam em si mesmos o embrião da nova fala. Dos trovadores galegos aos poetas palacianos, de Camões a Pessoa, o mito avassalador sombreia a estrada e oculta o sol que doura sem literatura. De Camões a Pessoa. E, ainda, talvez, de Pessoa àqueles que irão nascer...

Saramago, n' *O ano da morte de Ricardo Reis*, põe Pessoa diante do busto de Camões, no dia Dez de Junho, a Festa da Raça:

“Tivesse Ricardo Reis saído nessa noite e encontraria Fernando Pessoa na Praça de Luís de Camões, sentado num daqueles bancos como quem vem apanhar a brisa (...). Quis Fernando Pessoa, na ocasião, recitar mentalmente aquele poema da *Mensagem* que está dedicado a Camões, e levou tempo a perceber que não há na *Mensagem* nenhum poema dedicado a Camões, parece impossível, só indo ver se acredita, de Ulysses a Sebastião não lhe escapou um, nem dos profetas se esqueceu, Bandarra e Vieira, e não teve uma palavrinha,

uma só, para o Zarolho, e esta falta, omissão, ausência, fazem tremer as mãos de Fernando Pessoa, a consciência perguntou-lhe, Porquê, o inconsciente não sabe que resposta dar, então Luís de Camões sorri, a sua boca de bronze tem o sorriso inteligente de quem morreu há mais tempo, e diz, Foi inveja, meu querido Pessoa, mas deixe, não se atormente tanto, cá onde ambos estamos nada tem importância”.

Lido o aparte de Saramago, voltemos a nossa proposta de observar a distância entre o saber teórico e o fazer poético de Pessoa.

Que espaço separa o gesto da intenção na obra pessoana? Que consciência teórica estrutura a prática poética exemplar da ausência? Tais questões tornam apaixonantes os caminhos percorridos para capturar a teoria que se esconde na prática de Pessoa poeta.

Embora muito tenha escrito sobre estética, filosofia, sobre o homem e seu mundo, Pessoa pouco nos disse sobre seu engenho criador de universos. Talvez nem ele próprio soubesse da distância percorrida entre a intenção e o gesto. Talvez nada, um nítido nulo, vislumbresse além do vazio. Todo começo é involuntário: o herói a si assiste, vário – e inconsciente. Quantas vezes o poeta repetiu a si mesmo a pergunta imposta ao personagem da História: *“Que farei eu com esta espada?”* Ergueste-a. E fez-se, responde a modernidade ao seu engenheiro, quer se chame Campos, Caeiro ou Pessoa. Todos Reis.

Tendo escrito sobre estética, Pessoa pouco nos disse sobre sua fábrica de mundos. É verdade que todos

os textos de crítica que escreveu foram simples pretextos, servindo de ponte ao ambicionado projeto do Grande Poeta, o supra-Camões ou um outro Shakespeare, espelho no qual se mirava e reconhecia. Mas os olhos que vislumbravam o Grande Poeta, o Desejado, o Encoberto pelo nevoeiro, eram ainda os olhos da tradição. Esses olhos pouco enxergavam além do porto e não viam os contornos da oficina mágica que *a mão do vento*, *o sopro*, ou *a aragem*, construíam.

Toca-se então num dos pontos nodulares da filosofia da literatura, ou que outro nome se dê ao discurso metalinguístico da arte verbal: teoria da literatura, semiótica da literatura etc. Reduzida à ossatura da polaridade, eis a questão: é involuntário, inconsciente o processo criador? Ou é intencional, submetido aos limites e alcances da razão?

O escritor é o engenheiro, aquele que constrói a partir de um projeto, acreditam importantes correntes literárias, em oposição à clássica e romântica crença no encanto das musas e da inspiração. Mas também já se disse que a poesia é precisamente aquilo que ultrapassa o projeto. Enquanto artesão do ofício de escrever, produzem-se sentenças bem construídas, que dizem o que se quer dizer e, às vezes, parecem tornar as palavras mais belas. Mas isso não faz alguém poeta nem assegurar ser mais que um oficial da palavra, atento ao seu ofício. De artesão a artista o salto erra no vazio. Às vezes.

A literatura moderna, ao deslocar o eixo do sujeito, centrado no *eu* do artista, revê e despe dois déspotas: de um lado, a subjetividade plena de emoção; do lado contrário; a razão objetiva que os quatro cantos esqua-

drinha. Em ambos os enfoques, quer revestidos de tintas românticas ou de claro realismo, o *eu* é o universo, a referência.

Quando o pensamento valoriza a natureza inconsciente da arte, volta-se para a ausência e para o Outro. O crepúsculo dos deuses e super-homens estrutura a prática poética exemplar da ausência. A despersonalização – que marca a lírica moderna e é elevada ao grau máximo na heteronímia pessoana – instaura a poética do outro.

Há uma relação digna de ser observada entre o caminho da despersonalização percorrido pela poesia e uma mudança fundamental do pensamento científico. O século dezenove prepara o projeto de despersonalização a ser assumido pela poesia do século vinte, do mesmo modo que um jovem neurologista dos fins do século da explosão romântica inaugura a psicanálise no despontar da nova centúria. A passagem de Freud de neurologista a psicanalista deve-se à revelação do inconsciente. Sabemos que a arte tem o dom de captar e antecipar o difuso, aquilo que ainda não foi formado pela linguagem da consciência e posto à disposição dos homens. Freud sabia disto, tanto que foi buscar em Goethe o foco de luz com que iluminou a vida psíquica das gerações seguintes. Daí o elo entre a revelação do inconsciente por Freud e o deslocamento do eu como centro da lírica. Se antes do processo de despersonalização, o eu ocupava o espaço da lírica; correlatamente, antes da compreensão do Inconsciente freudiano, a Consciência era a instância suprema do pensamento. Instância essa que se confundia com o *ego*. Freud deslo-

cou sua atenção da consciência para o Inconsciente, e do *ego* para o *id*, espaço de transgressão a ser conquistado. É um contemporâneo de Freud, poeta desconhecido de um país ilhado, que realiza do modo mais evidente e pleno de significado, a passagem da lírica da condição de lugar do eu para lugar do outro.

Pessoa, ao mesmo tempo em que assume a natureza inconsciente do discurso poético (lugar do Outro), abandona a ânsia de falar de si, em favor da ambição de falar pelo outro. Temendo que ele próprio, que não é ninguém senão um outro, não conseguisse falar a linguagem esquecida, deu vida e estas verdadeiras máscaras do grande Outro: Campos, Caeiro, Reis, Bernardo Soares, Charles Search, Alexander Search, Barão de Teive, António Mora, Raphael Baldaya, A. A. Crosse, Charles Robert Anon, Jean Seul, Abílio Quaresma, Coelho Pacheco, Vicente Guedes, Frederico Reis...

Ver, a propósito, o apêndice intitulado “Fichas para um primeiro recenseamento”, onde Antonio Tabucchi, na sua *Pessoana mínima*, levanta a identidade da população constituinte do universo heteronímico: a obra e a arca dos inéditos.

Segundo Jacinto do Prado Coelho, em *Camões e Pessoa, poetas da utopia*, “a estética anti-romântica de Fernando Pessoa assenta na referida concepção da escrita como ruptura e ausência. É necessariamente uma estética não já da expressão mas da invenção.” Em outros termos, é o que chamamos de transgressão, para marcar o traço distintivo da arte moderna e de toda arte que continua viva no pensamento dos homens.

O artista do século vinte, na esteira da reação à chamada inspiração romântica, procurou estar atento ao seu papel, pondo a reflexão teórica ao lado da criação. O fim do século precedente trouxe consigo uma sequência de correntes literárias, resultantes de elaborações teóricas e reflexões estéticas. Se em determinados momentos da história da arte, os movimentos correspondem a grandes estilos de época ou a tendências gerais do pensamento e da sociedade como um todo, os tempos modernos apresentam dezenas de *ismos* que refletem menos uma prática em processo de socialização e mais uma concepção do fazer artístico. Manifestos altamente revolucionários dão conta de uma avançada concepção estético-filosófica ou científica, constituindo os mais importantes legados dos movimentos. A reflexão sobre a obra de arte toma o lugar da própria obra de arte.

Em muitos, a intenção é alta e o gesto estreito. Na obra poética de Pessoa a relação é inversa: a uma teoria que passeia os arredores da tradição, corresponde a prática desconcertante da escrita plural do poeta. Confrontando-se a variada obra teórica deixada pelos outros eus que habitavam Pessoa com a obra poética, percebe-se a distância desconcertante entre a teoria e a prática: a intenção e o gesto.

A prática poética da ausência, da despersonalização, do outro, está muito além das defesas teóricas esboçadas nos retratos do artista enquanto jovem. Somente os mais ousados pensadores desse século que viu Pessoa morrer, sistematizaram um corpo teórico compatível com o universo revelado pela poesia pessoana. Pensar Pes-



LÉLIA PARREIRA - FERNANDO PESSOA I

soa nos limites da tradição teórica por ele aceita é tarefa impossível. Mas se nos voltamos para os mais ousados homens de idéias do século XX, transitaremos numa atmosfera familiar a Fernando Pessoa.

Lacan, por exemplo, se quisermos chegar à mais radical sequência do pensamento freudiano, repõe a questão da ausência como fundamento da sua investigação estrutural. Umberto Eco tenta compreender a natureza eminentemente poética de um pensamento seduzido pelo neopositivismo da linguagem, inquirindo: “Como é possível que do enaltecimento da mais sólida e inconfutável das determinações estruturais, a mecânica estatística da cadeia significante, tenhamos passado à celebração de uma Ausência?”

E responde em seguida “Isso acontece porque a noção de ausência se oculta no discurso de Lacan como hipoteca ontológica que faz com que assumam valor metafórico todas as predicções de diferencialidade e ausência oposicional que o discurso de origem binarista lhe põe à disposição.”

A questão é posta por Umberto Eco no capítulo “A estrutura e a ausência”, que relaciona as proposições de Lacan com o próprio título geral do seu livro *A estrutura ausente*. Aí, tanto Saussure quanto Heidegger aparecem como elos na cadeia construtiva da ausência em Lacan. Saussure e os linguistas, notadamente Jakobson, pela análise da estrutura binária da linguagem; Heidegger, pela concepção de um Ser atingível apenas através da dimensão da linguagem. A mesma linguagem que para ele não está em poder do homem, porque não é o homem que nela se pensa, mas ela, a linguagem, que se

pensa no homem. Assim é que Eco postula: “Apesar de não ter seu nome citado muitas vezes no curso dos escritos lacanianos, Heidegger aparece bem mais do que Freud como a raiz que dá origem a toda a doutrina da Ausência.”

Compreende-se então, mais claramente, o que Lacan quer dizer, à página 528 dos seus *Écrits*, quando confessa traduzir no seu discurso a doutrina heideggeriana: “Quand je parle d’Heidegger ou plutôt quand je le traduis, je m’efforce à laisser à la parole qu’il profère sa signification souveraine”.

Quando o filósofo estabelece que auscultar um texto como manifestação do ser não é compreender o que ele diz, mas, antes de qualquer coisa, o que não diz e todavia evoca, precede ao ensino de Lacan aos analistas da sua escola, ao buscar na linguagem a verdade ocultada: a palavra plena.

Esta busca, nos moldes propostos por Lacan, substitui o significado pelo significante, pela ausência, ou pelo Outro. Em setembro de 1960, nos Colóquios Filosóficos Internacionais, Lacan já explica o seu corte no signo saussureano. A caça ao sujeito da psicanálise, que se dá no espaço do discurso, surpreende ‘Aquilo’ que se procura no âmbito do significante, “posto que ao atar-se na significação, ei-lo alojado na insígnia do pré-consciente. Pelo que chegar-se-ia ao paradoxo de conceber que o discurso na sessão analítica não vale senão pelo fato de que tropeça ou mesmo se interrompe: se a própria sessão não se instituisse como ruptura dum falso discurso, digamos, no que o discurso realiza ao se esvaziar como fala, ao não ser mais do que a mo-

eda de esfígie desgastada da qual fala Mallarmé, que se passa de mão em mão «em silêncio».” (*Escrits*, p. 283-284)

Em outras palavras: Fernando Pessoa rejeita a sinceridade do discurso cotidianamente proferido como forma de atingir a verdade, inverte o caminho seguido pelo senso comum ao descobrir o método contido na mínima: *Fingir é conhecer-se*, enquanto Lacan suspeita do discurso sincero proferido pelo sujeito da cultura, o homem, como caminho que leva à sua própria verdade.

Às vezes me surpreendo deslendo Pessoa, ou Campos, a quem o poeta chamou de *o mais histericamente histerico em mim*, quando leio o que Lacan quis dizer, ao retomar a investida de Freud nos domínios da linguagem. Pessoa abandona a sinceridade da sua própria fala, para encontrar no fingido discurso do poeta, que se finge outro – a *pessoa perdida*. Lacan rejeita o significado do discurso ouvido, a verdade consensual da cultura, para buscar no significante uma outra formação de sentido: o sentido ocultado do sujeito – o inconsciente. É por isso que ele escuta o vagido vazio do significante pleno: o som da letra no lugar do significado. Aqui é Freud quem fala pela boca de Lacan: “Lá se surpreende o sujeito que nos interessa posto que ao atar-se na significação, ei-lo alojado na insígnia do pré-consciente.”

Aquilo que Freud chamou de representações verbais ocorre no nível do pré-consciente, como acentua Lacan ao rejeitar trabalhar com a significação. Indo à procura do significante puro, desprovido de associação com seu outro lado, o significado, o que nos parece uma proposta semiótica impossível, converte-se em méto-

do para surpreender as formulações no nível do inconsciente, sem o conteúdo que a cultura lhe impõe. Quando o falante evoca o significado que a língua ensina, não faz mais do que usar a razão para compreender as coisas do modo habitual. Nada lhe assegura que, assim, esta dizendo a sua verdade, mas a verdade que convém dizer: a verdade possível, aceitável. Eis um retorno radical ao significante, *cheio de som e fúria, significando nada* – conforme os versos shakespearianos.

Surge então a pergunta: Como um poeta que se fez divisor de águas entre o corpo de idéias do século dezenove e o século vinte, antecipa na sua obra de criação as questões que a posteridade enfrentaria?

*Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.*

*Tudo que sonho ou passo,
O que me falha ou fãda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.*

É esse mesmo poeta que, a despeito da tradição lírica centrada nos sentimentos e na celebração do *eu*, deseja *outrar-se*, conforme as implicações do verbo por ele inaugurado. A poética da despersonalização fundada por Pessoa é um projeto de dar a voz ao Outro, no âmbito do texto.

*Livre do meu enleio
Sério do que não é.*

Mas o que ele buscava desesperadamente no Outro era o encontro consigo mesmo: “Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe”. Sua busca de identidade a partir da alteridade é idêntica à dos três detentos, nas costas dos quais o diretor da prisão colocou três discos iguais, escolhidos entre três brancos e dois pretos, para que, fundados em motivos lógicos descobrissem a cor do disco que carregavam. Como sublinha Lacan, ao apresentar a situação, erigida à categoria de situação exemplar, arquetípica, pelo que remete ao geral, “um não se reconhece senão no outro”.

*Não meu, não meu é quanto escrevo.
A quem devo?*

A indagação se repete ao longo da obra de Pessoa ortônimo e dos heterônimos, como forma constante, ou bordão, de lembrar a clivagem do eu poético, não mais contido no eu do poeta. Se a lírica lusa até então cantava a saudade do cantor, Pessoa quer sua poesia como instrumento do discurso do outro, do grande Outro. O poeta sabe que, quando ele fala, são vagas vozes que falam através da sua ‘falha’. São os fantasmas, os muros cobertos de musgo e as coisas silenciosas que ganham voz por sua vez.

*E eu sinto a minha vida de repente
Preso por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia.*

*Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria.*

Como perceberam os linguistas pós-saussureanos, é a língua que fala através do falante. Segundo Wartburg, em *Problemas e métodos da linguística*, quando a criança aprende a falar está também aprendendo a conhecer o espírito objetivo depositado na língua. Ou ainda, é “a língua, com toda a mentalidade nela preformada, que se apropria do jovem, à medida que ela nele encontra um novo receptáculo ao seu dispor. Ela molda o seu pensamento; é ela que se torna a senhora de seu pensamento. Dizemos ‘dominar uma língua’, mas na verdade é a língua que nos domina” (p. 190). Toda vez que surge uma nova vida humana, o espírito coletivo que vive na língua transforma e modela esse indivíduo. Mesmo quando ele consegue se expressar de modo original, manifesta a originalidade do outro, *presa por uma corda de Inconsciente...*

O mito que o homem tece é o mesmo que tece o tempo de todos. Já vimos nas demonstrações de Lévi-Strauss, quando faz a distinção, ou mais precisamente, a analogia, entre os mitos sociais e o mito individual do neurótico. “O inconsciente deixa de ser o inefável refúgio das particularidades individuais, o depositário de

uma história única, que faz de cada um de nós um ser insubstituível.” São palavras do antropólogo.

Aí o caminho seguido pelo poeta moderno; por Pound e Eliot, pertencentes a um contexto exemplar de idéias e teorias que construiriam o pensamento do século vinte; por Pessoa, ponto de luz solitária e fulgurante no universo saudosista de Lisboa. Se antes, a poesia voltada para o interior do ser, para o eu profundo, se esgotava na subjetividade pura, com o poeta moderno, o mergulho pelas regiões inconscientes representa o resgate de gregariedade. A lírica deixa de ser ‘o refúgio das particularidades individuais’ para marcar o reencontro do homem com a civilização, seu lugar edênico e seu mal-estar. Um oscilar do pêndulo que vai do inferno ao paraíso.

Uma das tarefas mais fascinantes, no âmbito dos estudos pessoanos, é a tentativa de desentranhar a teoria do texto poético em Pessoa; buscar por entre a floresta de símbolos, que é o universo selvagem da criação, os vivos pilares que sustentam o edifício ficcional do poeta. Se a teoria explícita dos textos críticos e estéticos é uma redundante fotografia da tradição, a teoria implícita do fazer poético pessoano é um estímulo e um desafio à compreensão da modernidade literária. Uma outra teoria, que aos poucos a modernidade revelou, está inscrita no texto de criação desse autor manancial do século XX.

Aquilo que Jung chama de inconsciente coletivo e os seguidores de Freud denominam, simplesmente, de inconsciente – posto que o *continuum* não é propriedade individual, mas lugar de encontro com o Outro – só se

prende, só se amarra, por uma corda ou uma corrente chamada linguagem. Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo, conforme a proposição basilar de Wittgenstein. Freud atribuía à linguagem o papel de construtora da consciência, do mesmo modo que suas primeiras formulações, hoje em desuso, apontavam a psicanálise como instrumento de conquista progressiva do *id* pelo *ego*.

Esse vazio do ser, quando não animado pelo espírito da linguagem, que é também o espírito da tribo, da raça, da cultura, ou o guarda-roupa de segunda mão das épocas, de que nos falava Trotsky, é permanentemente tematizado por Pessoa:

*Nada sou, nada posso, nada sigo.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
Não compreendo compreender, nem sei
Se hei de ser, sendo nada, o que serei.*

Aí, o caminho da despersonalização, que não deve ser visto como um fenômeno literário isolado, mas imbricado com o questionamento acerca da linguagem. Somente através de uma compreensão privilegiada da linguagem, mesmo não manifesta na teoria explícita, o poeta plural seria possível. Conduzidos pelo texto pessoano, entramos no olho do furacão, no centro da crise da teoria clássica da linguagem. Por isso esse negar e afirmar, esse dizer e desdizer, esse apontado paradoxo: a poética pessoana – uma prática sem teoria.

Ao mesmo tempo que solitário, isolado, único e estrangeiro de si mesmo, no finito universo literário por-

tuguês, Pessoa assume o lugar de centro constelar de uma geração. No entrelugar de estrangeiro, Pessoa torna-se profundamente solidário à história do seu povo, por cordas ancestrais de inconsciente.

Antecipando as modernas concepções da linguagem como espaço de encontro do individual com o coletivo, do consciente com o inconsciente, o poeta confessa que sentiria menos uma hipotética invasão e destruição do país, do que a errância da sua língua. Pátria da poesia. Aí é que tem relevância o papel desempenhado por 'Dom' Antonio Vieira, coroado pelo poeta em Pessoa, Imperador da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

COELHO, Jacinto do Prado. *Camões e Pessoa, poetas da utopia*. Mem Martins, Europa-América [1983].

ECO, Umberto: *A estrutura ausente: introdução à pesquise miológica* [La struttura assente]; trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, Universidade de São Paulo, 1971.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, xxxiii vols., 1972-1976.

HEIDEGGER, Martin: *Conferências e escritos filosóficos*; tradução, introdução e notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril Cultural, 1979, 306 p.

JAKOBSON, Roman & STEGANO PICCHIO, Luciana: Os orímoros dialéticos de Fernando Pessoa. In JAKOBSON: *Linguística. Poética. Cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970, p. 93-118.

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris, Seuil, 1966, 928 p. (Le champ freudien).

LACAN, Jacques. *Escritos* [Écrits]; trad. Inês Oseki-Derpé. São Paulo, Perspectiva, 1978, 348 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude: *Antropologia estrutural* [Anthropologie structurale]; trad. Chaim Katz & Eginardo Pires. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970, 440 p.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*; organização, introdução e notas de M^a Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Aguilar, 1972.

PESSOA, Fernando. *Obra em prosa*; organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976.

PESSOA, Fernando. *Páginas de estética, crítica e teoria literária*. Sel. e Org. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. 2 ed. Lisboa, Ática, 1973.

SARAMAGO, José: *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6^a ed. Lisboa, Caminho, 1985.

TABUCCHI, Antonio: *Pessoaana mínima*. Escritos sobre Fernando Pessoa; trad. Antonio Tabucchi et alii. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

WARTBURG, Walther & ULLMANN, Stephen: *Problemas e métodos da linguística* [Problèmes et méthodes de la linguistique]; trad. Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1975.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*; trad. e apresentação de José Arthow Giannotti. São Paulo, Nacional, 1968, 164 p.

Este 6º volume da Coleção Oficina do Livro, denominado *Orpheu em Pessoa*, reúne alguns trabalhos apresentados ao Simpósio Internacinal 100 Anos da Revista *Orpheu*: Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade, realizado no mês de junho de 2015.

O leitor deste livro virtual terá a feliz oportunidade de ter acesso a dez artigos dos seguintes autores brasileiros e estrangeiros:

Jerónimo Pizarro,
Adriano Eysen,
Manuela Parreira
da Silva,
Sandro Ornellas,
Audemaro Goulart,
Alana El Fahl,
Luiz Antonio Valverde,
Tércia Costa Valverde,
Cid Seixas
e Lélia Parreira Duarte.

ORPHEU EM PESSOA

Cid Seixas e Adriano Eysen
organizaram este volume a partir
dos trabalhos apresentados ao
Simpósio Internacional 100 anos da Revista *Orpheu*:
Fernando Pessoa e as Poéticas da Modernidade.

Com este livro,
um seletto grupo de estudiosos
brasileiros e estrangeiros
integra-se ao esforço reazidado
no processo de consolidação
da Editora Universitária do Livro Digital,
empreendimento destinado a oferecer
à comunidade publicações de real valor
e acesso inteiramente gratuito.

Mais um trabalho com o selo de qualidade

e-book.br